

# A Escola e sua orientação

---

Elynes Barros Lima

## Resumo

Este texto reflete sobre a orientação de uma Escola de psicanálise a partir da experiência pessoal da autora e da teoria de Jacques Lacan. Explora o mal-entendido como núcleo do inconsciente, a solidão estrutural do analista e a Escola como o espaço no qual se elaboram e recolhem os efeitos da estrutura de linguagem. Defende-se uma Escola internacional, em que o encontro com o estrangeiro e a diferença de línguas ampliem a experiência da transmissão psicanalítica. O sonho com o nome próprio pronunciado de forma equívoca marca o despertar subjetivo para a orientação.

## Palavras-chave:

Psicanálise; Escola; Mal-entendido; Transmissão.

## The School and its orientation

### Abstract

This text reflects on the orientation of the School of psychoanalysis based on the author's personal experience and Lacan's theory. It explores misunderstanding as the core of the unconscious, the structural solitude of the analyst, and the School's role as a working space on the symptom and language. The author advocates for an international School, where foreign encounters and language differences deepen psychoanalytic transmission. A dream in which the author's name is mispronounced highlights the subjective awakening to orientation.

### Keywords:

Psychoanalysis; School; Misunderstanding; Transmission.

## La Escuela y su orientación

### Resumen

Este texto reflexiona sobre la orientación de la Escuela de psicoanálisis desde la experiencia personal de la autora y la teoría de Lacan. Explora el malentendido

como núcleo del inconsciente, la soledad estructural del analista y el papel de la Escuela como espacio de trabajo sobre el síntoma y el lenguaje. Se defiende una Escuela internacional, donde el encuentro con lo extranjero y las diferencias lingüísticas amplifican la transmisión psicoanalítica. Un sueño con el nombre propio pronunciado de forma equívoca marca el despertar subjetivo hacia la orientación.

### **Palabras clave:**

Psicoanálisis; Escuela; Malentendido; Transmisión.

## **L'École et son orientation**

### **Résumé**

Ce texte réfléchit sur l'orientation de l'École de psychanalyse à partir de l'expérience personnelle de l'auteure et de la théorie de Lacan. Il explore le malentendu comme noyau de l'inconscient, la solitude structurelle de l'analyste, et l'École comme espace où s'élaborent et se recueillent les effets de la structure du langage. L'auteure plaide pour une École internationale, où la rencontre avec l'étranger et les différences linguistiques enrichissent la transmission psychanalytique. Un rêve où le nom propre est prononcé de manière équivoque marque l'éveil subjectif à l'orientation.

### **Mots-clés :**

Psychanalyse ; École ; Malentendu ; Transmission.

A maioria dos acontecimentos é indizível, realiza-se em um espaço que nunca uma palavra penetrou...  
Rilke (1983)

Este é um tema que vem me ocupando muito esses dias: O que deve orientar os membros de uma Escola de psicanálise? De que lugar deve partir a orientação?

Há alguns dias, meus colegas do Fórum Fortaleza me convidaram para uma atividade do Espaço Escola desse Fórum que tratava de nossa opção por uma Escola plurilíngue. Falei também sobre o mesmo tema com os colegas de Tucumán, na Argentina. Organizei, então, em um texto minhas pesquisas até agora sobre esse tema da orientação da Escola, bem como nossa opção por uma Escola plurilíngue, e as consequências dessa escolha para o passe.

Antes de dividir com vocês minhas elaborações, gostaria de salientar a importância de voltarmos sempre ao tema da orientação, na medida em que ela pode ser perdida, se não se sabe de onde se partiu e aonde se pretende chegar. Às vezes,

mesmo sabendo o itinerário, é possível se perder; como se diz aqui no Ceará, você pode ficar “ariado”: pode caminhar em uma direção e, ao virar a esquina, estar perdido! Então, que bússola deve nos orientar para voltarmos ao ponto de partida e retomarmos a orientação sempre, a cada vez?

Nesse sentido, gostaria de apresentar uma questão que talvez seja anterior a essa da orientação: o que é uma Escola de psicanálise?

Lacan (1971/2003a) fundou sua escola, a Escola Freudiana de Paris, e definiu seu objetivo conforme encontramos em seu “Ato de fundação”:

(...) o organismo em que deve realizar-se um trabalho — que, no campo aberto por Freud, restaure a cega cortante da verdade, que reconduza a práxis original que ele instituiu sob o nome de psicanálise; (...) que por uma crítica assídua denuncie os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego. (Lacan 1971/2003a, p. 235)

Além desse objetivo, Lacan (1971/2003a, p. 235) demarca, de saída, qual seria a orientação dessa Escola: “Fundo — tão sozinho como sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica — a Escola Francesa de Psicanálise.”

Observem que a Escola de Lacan se funda sob o princípio de que, em torno dela, se reunirão sujeitos que têm, cada um, sua própria relação com a causa analítica, e que a relação de cada um com a causa analítica é solitária. E, para cernir essa relação com a causa, é necessário passar pela experiência de uma análise e experimentar em si a solidão do “não há relação sexual”.

Anos mais tarde, Lacan (1980/2022a) dissolve sua Escola por ela ter fracassado em cumprir com seu objetivo: “a crítica assídua”. O que aconteceu foi que os efeitos de grupo alimentaram os desvios e comprometimentos. Ele dissolveu a Escola Freudiana de Paris porque, mesmo que ela tenha fracassado em manter esse objetivo, da crítica assídua, ele, Lacan, o mantém. Mantém o objetivo e a experiência, e relança a aposta em um novo funcionamento, a Causa Freudiana, que, segundo ele, não será Escola, mas campo. Nesse campo “onde cada um terá liberdade para demonstrar o que faz do saber que a experiência deposita” (Lacan 1980/2022b, p. 68), ele retoma a experiência dos cartéis.

Fiquei refletindo: por que, após dissolver sua Escola, Lacan insiste na experiência para além da instituição?

Talvez porque só com a experiência tenha sido possível chegar à dissolução, à d’e(s)colagem.

O que a experiência de uma psicanálise explora é o mal-entendido, que, segundo Lacan (1980/2022c), é o inconsciente. Isso nos leva a uma conclusão lógica: nem tudo pode ser revelado. Quando uma psicanálise explora o mal-entendido, no final, o que se revela é a fantasia. Há, por outro lado, uma parte que nunca se revelará.

O mal-entendido é o que está em jogo no trauma: já nascemos mal-entendidos, e, nesse sentido, não existe uma palavra que possa dar conta de dizer tudo do sujeito, não há uma palavra que venha salvá-lo do mal-entendido.

O mal-entendido, de acordo com Lacan (1980/2022c), já vem desde antes do nascimento, quando o *parlêtre* se reparte em dois que “não falam a mesma língua”, que não se entendem, mas que se juntam para procriar; cada um com seu mal-entendido incorporado o veiculará nessa procriação.

Lacan (1975) chamou essa primeira marca equívoca de *lalangue*. Ele diz assim na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*: “É absolutamente certo que é pelo modo como *lalangue* foi falada e também ouvida por tal ou qual em particularidade, que alguma coisa em seguida reaparecerá nos sonhos, em todo tipo de tropeços, em toda espécie de modo de dizer” (Lacan, 1975, p. 8).

O sintoma procede daí, da im-possibilidade de sustentar o que Lacan chamou de *motérialisme*, essa materialidade da palavra que não foi bem-dita, mal-entendida.

No que diz respeito a mim, eu experimentava esse mal-entendido no nome, inclusive: Elaine? Eliane? Elinês? Alines? São quantas? Você é homem ou mulher? Durante muito tempo, convivi com esse mal-entendido com esperança! Havia uma esperança de que o mal-entendido se dissipasse, mas principalmente havia uma esperança de que outro nome viesse em socorro desse e o amparasse. Eu tentei alguns; “irmã” foi um deles.

No início do meu terceiro período de análise, aconteceu que eu tivesse um intervalo entre os atendimentos, então aproveitei para descansar; me deitei no divã e adormeci. Quando estava dormindo, ouvi nitidamente a voz da minha analista me chamando: “Elynes”. Despertei imediatamente, pois parecia tão real, como se ela estivesse presente ali.

Tinha talvez algo de real nisso, pois o meu nome, pronunciado por essa analista estrangeira, com um sotaque diferente, evocava essa dimensão do estranho, ao mesmo tempo que a pronúncia clara era muito familiar.

Essa pronúncia estranho-familiar, esse som, me remetia a um “fora de”, o fora da série dos ditos do Outro, dos outros; até que, pela insistência da repetição, experimentasse o exílio, o desterro e, por fim, chegasse ao limite, à distinção.

É curioso que esse reconhecimento da estranheza inerente a cada um se evidencie no encontro com o estrangeiro, com a língua estrangeira. Gostaria de retomar uma citação de Lacan, nos *Escritos*, mais precisamente em “Função e campo da fala e da linguagem”: “Que ele (o analista) conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas” (Lacan, 1953/1998, p. 322).

Não sei se vocês conhecem, ou têm fresca na memória, a história da Torre de Babel narrada no Gênesis. A narrativa da Torre de Babel é usada por alguns, mais

precisamente os cristãos, para explicar o surgimento da diversidade linguística e a dispersão dos seres humanos pela Terra. Daí o significado do nome Babel: “ali onde o Senhor confundiu a língua dos homens e espalhou-os por toda a Terra” (Walsh & Barnes, 2007, Gn. 11.9).

Conta a narrativa bíblica que, naquela época, toda a humanidade falava uma só língua. Um dia, conversando entre si, decidiram construir uma cidade com uma torre bem alta, que chegasse até os céus: “Assim o nosso nome será famoso e não seremos espalhados pela face da Terra” (Walsh & Barnes, 2007, Gn. 11.4). Diz a narrativa que Deus observou o que eles faziam e concluiu: “Eles são um só povo e falam uma só língua e começaram a construir isso. Em breve nada poderá impedir o que planejam fazer” (Walsh & Barnes, 2007, Gn. 11.6). Então, fez com que suas línguas se diferenciassem, de forma que uns não entendessem mais os outros.

Fiquei me perguntando em que contexto Lacan evoca essa história da Torre de Babel e por que ele diz que ela é como uma espiral que arrasta o psicanalista para a “obra contínua de Babel”. Que espiral seria essa?

No texto “Função e campo da fala e da linguagem”, Lacan (1953/1998, pp. 322-323) dá indícios do contexto: ele afirma estar sendo acusado, com seu ensino, de se desviar do sentido da obra de Freud, “das bases biológicas que ele lhes teria augurado”. No entanto, diz que seu intento é apenas lembrar que, na estrutura da linguagem, há algo que resta desconhecido, esquecido.

Assim, os analistas que não estão advertidos disso — do desconhecido da estrutura da linguagem, do esquecido da fala —, “não conseguindo alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1953/1998, p. 322), podem ser arrastados por essa espiral de Babel: a promessa de chegar aos céus, falando a mesma língua.

Acredito que o que Lacan quer transmitir ao evocar essa narrativa de Babel é que, para nós, psicanalistas, o que interessa é o mal-entendido estrutural, “a confusão das línguas”, em que nasce o *parlêtre*. Lacan (1953/1998) afirma que o psicanalista, nesse contexto, tem uma função: a função de intérprete na discórdia das línguas. Notemos que ele coloca o analista *dentro* da discórdia, e sua interpretação deve, portanto, veicular a marca da castração.

Isso aponta para a Escola como lugar de orientação. Retomo aqui o que trouxe no início sobre a fundação da Escola de Lacan: “Esse título [Escola Francesa de Psicanálise] representa o organismo em que deve realizar-se um trabalho” (Lacan, 1971/2003a, p. 235). Curiosamente, ele chamou “o lugar” de “organismo”, talvez fazendo referência a Freud, porém dando um passo a mais — *un pas*, como destaca na *Conferência em Genebra*. Trata-se da conjugação do *ne ... pas* (negação em francês) com o *un pas* (um passo), ressaltando o mal-entendido tão próprio da língua francesa, mas não exclusivo dela (Lacan, 1975).

A Escola de psicanálise é o lugar do mal-entendido, na medida em que esse é o nosso *motérial* (palavra/material) de trabalho. E, ao contrário da promessa da Torre de Babel — que seria construída para que o “nosso nome fosse famoso” e “não fôssemos dispersos pela Terra” (Walsh & Barnes, 2007, Gn. 11.4) —, a Escola é constituída por “dispersos desorganizados”, ou por dispersos que não fazem par (Lacan 1976/2003b, p. 569).

Daí extraímos sua orientação: “tão sozinho como sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica” (Lacan, 1971/2003a, p. 235). Essa orientação está na origem e no sentido do sintoma. É pelo fato de o sujeito deixar cair um pedaço de si — sua libra de carne — que ele pode se deparar com a realidade sexual. E a realidade sexual, segundo Lacan, é: “não há relação sexual”.

Lacan (1975) diz que Freud chamou de autoerotismo essa descoberta da realidade sexual da criança no próprio corpo. Mas ele (dá *un pas* — um passo/um não — e diz que, para certos seres, esse encontro com a própria ereção — e afirma isso ao tratar do caso Hans — é o que há de mais hetero, distinto, divergente, discrepante.

A esses distintos, dispersos que não fazem par, Lacan (1976/2003b, p. 569) deixou à disposição o passe, para que se arrisquem “a testemunhar da melhor maneira possível sobre a verdade mentirosa” e dizer o que fizeram com o que ficou em sua peneira, quando a água da linguagem os atravessou, deixando alguns detritos... Detritos com os quais brincaram, mas dos quais também terão que se desvencilhar. Sim, porque a esses detritos se agregam problemas que, por certo, os assustarão, angustiarão. Essa bonita metáfora usada por Lacan (1975) é para indicar como o sujeito fez a junção entre a realidade sexual e a linguagem.

Nossa opção por uma Escola internacional passa por tudo isso que venho tratando até aqui: a estrutura da linguagem, o mal-entendido, a realidade sexual, a solidão. Pode-se argumentar: não poderíamos ter uma experiência de Escola nacional que resguardasse todas essas questões? Sim, poderíamos.

Entretanto, ao optar por uma Escola internacional, submetemo-nos à prova da confusão das línguas: Como se fazer escutar, como transmitir, para além da barreira da língua? Uma tradução garantiria a transmissão?

Lacan (1972/2003c, p. 492) afirma que “uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela”.

Tenho tentado elaborar algo a respeito da transmissão e da tradução, e trago aqui uma questão: como transmitir, para uma multidão de dispersos sem par, minha estranheza e solidão?

Penso que a tradução não garante a transmissão; ela coopera com a transmissão, mas não a assegura, pois o que está posto à prova em cada transmissão é a língua de cada um, sua *lalangue* — algo que talvez apenas os dispersos sem par consigam ouvir, e por isso talvez algo possa se transmitir. Lacan (1971/2011, p. 19) afirma,

em sua conferência “Saber, ignorância, verdade e gozo”, que “*lalangue* nada tem a ver com o dicionário”; ela é o que resta na peneira, tal como ele enuncia na “Nota italiana” (Lacan 1980/2003d, p. 313): “o analista se criva do rebotalho”.

*Lalangue* concerne muito mais a esse intraduzível que resta como não sabido.

E que lugar mais propício para se deparar com esse ponto de impossibilidade de tradução, de mal-entendido, de não saber, do que em uma Escola internacional? Acredito que a experiência em uma Escola internacional coopera para a manutenção dos dispersos sem par, e que essa condição os anima a se enlaçarem — e não a se colarem.

Há alguns dias, elaborando algo sobre minhas pesquisas a respeito da orientação, fiz um sonho com a experiência vivida no início do meu terceiro período de análise; talvez, para me manter sempre lembrada da orientação lacaniana, “tão sozinho como sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica”, sonhei que estava deitada no divã e ouvia a voz da analista me chamando: “Elynes”. Acordei.

“Elynes”: esse mal-entendido intraduzível, me despertou, orientada: esse é o meu ponto de partida.

## Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1975). *Conferência em Genebra sobre o sintoma*. Mimeou.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (2003a). Ato de fundação. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2003b). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2003c). O aturrito. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2003d). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)
- Lacan, J. (2011). *Saber, ignorância, verdade e gozo. Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2022a). Carta de dissolução. In J. Lacan. *Nos confins do seminário*. (T. N. M. do Prado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)
- Lacan, J. (2022b). D'e[s]colagem. In J. Lacan. *Nos confins do seminário*. (T. N. M. do Prado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)

- Lacan, J. (2022c). O mal-entendido. In J. Lacan. *Nos confins do seminário*. (T. N. M. do Prado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1980)
- Rilke, R. M. (1983). *Cartas a um jovem poeta* (L. A. de Araújo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Walsh, S., & Barnes, C. (2007). *Bíblia da mulher de fé* (M. A. C. Braga, Trad.) (2a ed.). Rio de Janeiro: Thomas Nelson.

**Recebido:** 29/04/2024

**Aprovado:** 03/05/2024